

Ana Luisa Jасcolka
Sampaio Pontes

Graduada em
Ciências Sociais
pela Universidade
Federal de Minas
Gerais (UFMG)
e mestranda em
Sociologia pela
Universidade Fe-
deral de Minas
Gerais (UFMG).

Jhenifer

Cruzato Santana

Graduada em
Ciências Sociais
pela Universidade
Federal de Minas
Gerais (UFMG).

Contato

jhenifercruzatou-
ni@gmail.com

Laura

Signorini Rossi

Graduada em
Ciências Sociais
pela Universidade
Federal de Minas
Gerais (UFMG).

Contato

laurasignoriniac@
gmail.com

Luísa Melo

Meslouhi

Graduada em
Ciências Sociais
pela Universidade
Federal de Minas
Gerais (UFMG).

Palavras-chave:

Sexualidade. Lucro.
Repressão sexual.
Conservadorismo.
Indústria sexual.

Keywords:

Sexuality. Profit.
Sexual repression.
Conservatism. Sex
industry.

O PARADOXAL CRESCIMENTO DO MERCADO SEXUAL EM UM BRASIL CONSERVADOR

The paradoxical growth of the sex market in a conservative Brazil

Resumo: O mercado sexual brasileiro, aqui entendido como a rede de produção e venda de produtos e serviços sexuais, incluindo sex shops, pornografia e prostituição, apresenta um crescimento exponencial no Brasil nos últimos anos. Segundo a Associação Brasileira de Empresas do Mercado Erótico (Abeme), no ano de 2020, o setor cresceu cerca de 36%. Paralelamente a isso, observa-se, no país, a ascensão da extrema direita e de discursos conservadores, os quais são contrários à liberdade sexual. A aparente contradição entre essas duas tendências suscita questionamentos e a busca por uma explicação que conceba sua coexistência. Para tanto, o crescimento do mercado e a repressão sexual são tomados como objetos de estudo, a partir de, respectivamente, dados de pesquisas nacionais, de obras marxistas e de bibliografia relativa à psicologia do fascismo e ao controle da sexualidade. Em uma tentativa de compreender a complexidade da relação entre sexualidade, política e economia brasileira, foram elaboradas duas hipóteses: a ideia de que o lucro, em sociedades capitalistas, é soberano à ideologia, o que faz com que os ganhos obtidos pela indústria sexual sejam mais relevantes que as convenções sociais; e o pensamento de que a supressão da liberdade sexual nada mais gera que sua canalização em formas marginais, por vezes expressa pelo alto consumo da indústria sexual.

Abstract: *The Brazilian sex market, contextualized by this article as the network of production and sale of sexual products and services, including sex shops, pornography, and prostitution, has grown exponentially in Brazil in recent years. According to the Brazilian Association of Erotic Market Companies (Abeme), the sector grew by 36% in 2020. Simultaneously, the country is seeing the rise of extreme right-wing and conservative discourses, which are opposed to sexual freedom. The apparent contradiction between these two trends raises questions and searches for an explanation for their coexistence.*

To this end, the growth of the market and sexual repression are taken as objects of study, based respectively on data from national surveys and Marxist works, in addition to bibliographies relating to the psychology of fascism and sexuality. In an attempt to understand the complexity of the relationship between sexuality, politics and the Brazilian economy, two hypotheses were developed: the idea that profit, in capitalist societies, is sovereign over ideology, which makes the gains made by the sex industry more relevant than social conventions; and the thought that the suppression of sexual freedom generates nothing more than its channeling into marginal forms, sometimes expressed by the high consumption of the sex industry.

INTRODUÇÃO

Leila Escorsim Netto (2011), pesquisadora brasileira, em sua obra *O conservadorismo clássico: elementos de caracterização e crítica*, aponta que a ideologia conservadora nasce junto com a sociedade burguesa moderna. Segundo ela, o “conservadorismo clássico” emerge na sociedade burguesa com características antiburguesas e, posteriormente, assume traços antirrevolucionários devido às constantes transformações no modo de produção material dos homens e, consequentemente, na ideologia. Essa corrente de pensamento, portanto, preza por uma ordem moral duradoura, enfatiza a tradição e é resistente a mudanças. Entre as contenções do conservadorismo está a liberdade sexual. A sexualidade, por si só, é entendida como algo ine-

rente, que se manifesta, desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes segundo cada etapa do desenvolvimento. Enquanto processo, é marcada pela história, cultura e afetividade, sendo expressa de forma singular por cada indivíduo. Nesse caso, uma subjetividade calcada no contexto de uma estrutura reguladora altamente rígida. Nessa perspectiva, a liberdade sexual é um posicionamento social de aceitação e/ou afirmação da liberdade individual na área da sexualidade, em nome da autonomia pessoal. O conservadorismo sexual, por sua vez, é concebido como um posicionamento social de aceitação e/ou afirmação das normas e convenções sociais a respeito da sexualidade, em nome da tradição e da manutenção da sociedade. Tal entendimento se aproxima do que Butler (2003) propõe ao destacar que tanto o gênero quanto a sexualidade não são essencialmente fixas, mas

processos de transformações produzidos pela repetição de atos e práticas sociais ao longo do tempo, que tentam emular uma substância natural reiteradamente imutável e inquestionável.

No surgimento do capitalismo, aqueles denominados conservadores o reprovaram, haja vista que uma mudança tão significativa nos meios de produção e, por conseguinte, na estrutura social era contrária à ideia conservadora de manutenção da ordem, do costume e da continuidade. Mais tarde, quando o desenvolvimento capitalista ganha grande impulso, a burguesia assume uma postura defensiva de manutenção do seu *status quo*, alinhando-se à ideologia conservadora, e não mais progressista, uma vez que esta não mais lhe beneficiava.

No presente momento, a frente conservadora se encontra em crescimento no Brasil, assim como a repressão sexual defendida por essa massa. Por exemplo, os neoconservadores apresentam a liberdade sexual, a ideologia de gênero e a sexualidade como pautas imorais e que devem, inclusive, ser afastadas da população por meio da política. Contudo, de forma síncrona a essa interdição está o crescimento do mercado sexual no país, como as indústrias de *sex shops* e pornografia.

A fim de justificar tal contradição, é possível abordar uma das principais pontuações de Karl Marx (2013) em sua obra *O Capital*: a ideia de que o lucro, em sociedades capitalistas, é soberano à ideologia. Seguindo esse pensamento, pessoas conservadoras, apesar de seus princípios, poderiam se tornar comerciantes de produtos sexuais por visarem apenas o lucro, o qual é alto nesse mercado. Outra possibilidade de explicar o paradoxo está na raiz psicológica do conservadorismo: a ideia de que a forte supressão nada mais gera a expressão mascarada daquilo que é proibido. O pensamento de imoralidade e a opressão impostos sobre a sexualidade não garantem a rejeição das pessoas a ela, mas fazem com que seu contato se dê de forma disfarçada. Detalhada na sessão seguinte, a metodologia da presente pesquisa procura escrutinar as duas perspectivas elencadas, buscando compreender as relações entre tais teorias e o fenômeno de crescimento do mercado sexual brasileiro em concomitância ao fortalecimento do conservadorismo social e político no país.

METODOLOGIA

O gérmen que deu origem a esse artigo brotou de forma incomum, e sua compreensão é relevante para o entendimento do conteúdo aqui apresentado. A partir de uma disciplina de graduação sobre teorias sociológicas focadas nos conceitos de mercado e capital, iniciamos um estudo que demonstrasse de que forma essas teorias clássicas poderiam ser utilizadas para pensar a materialidade do que vivemos enquanto socieda-

de capitalista, por meio do trabalho de campo. A principal referência da pesquisa foi o estudo de Maria Filomena Gregori (2012), no qual a autora realiza uma etnografia em lojas de *sex shop* em São Paulo, analisando o surgimento e a consolidação desses estabelecimentos no Brasil nos anos 1990 e 2000. A autora demonstra como essas lojas não eram apenas pontos de venda de produtos eróticos, mas também espaços de circulação de discursos sobre sexualidade, prazer e consumo. A partir disso, pensamos em propor um trabalho que realizaria entrevistas com trabalhadores de *sex shops* da cidade de Belo Horizonte no ano de 2023, a fim de compreender de que maneira as concepções de lojistas e os funcionários desse ramo poderiam se entrelaçar com teorias sobre o capital.

Tamanha foi a surpresa quando, mesmo após contatar vários empreendimentos, conseguimos pouquíssimo retorno, uma vez que muitos interlocutores alegavam a necessidade de discrição neste nicho de mercado. Além disso, mesmo nas raras entrevistas realizadas, as falas pareciam incutidas de um discurso de cunho conservador inesperado. A partir de leituras indicadas por pesquisadores dos campos da sociologia, do gênero e da sexualidade, decidimos nos aprofundar no tema e procurar, nas teorias já produzidas, possíveis explicações para o paradoxal fenômeno encontrado em campo, ou seja, compreender como e por que a dificuldade em se falar sobre sexo permanece, apesar do crescimento desse mercado.

A fim de responder a tais questionamentos, a presente pesquisa adotou uma metodologia predominantemente qualitativa, baseada na interpretação e na análise crítica de duas fontes de informações principais: a primeira consistiu em dados quantitativos e qualitativos sobre o crescimento do mercado sexual, com enfoque no cenário brasileiro; e a segunda tratou-se de produções acadêmicas sobre temáticas relativas ao marxismo, conservadorismo, repressão e sexualidade.

Os dados sobre o mercado sexual foram buscados no Google, em 2023, a partir de combinações feitas com as palavras-chave “mercado sexual”, “alta”, “crescimento”, “Brasil” e “dados”. Também foram utilizadas as palavras “sex shop” e “pornografia”. Já as produções acadêmicas, incluindo artigos, teses e dissertações, foram encontradas a partir de buscas nos repositórios da Capes e da Scielo, bem como por recomendações de pesquisadores das áreas abordadas. As pesquisas nos repositórios consistiram em buscas exploratórias, que incluíram palavras-chave como “repressão”, “sexualidade”, “conservadorismo” e “extrema direita”, a fim de mapear as principais produções e autores sobre o tema. Ao final do processo, foram encontrados estudos categorizados em duas linhas principais, as quais sustentam as hipóteses centrais da pesquisa: marxismo e psicanálise.

O presente artigo é, portanto, um estudo crí-

tico, que pretende, através da captação de dados sobre o mercado sexual veiculados na mídia, da análise dos discursos que os meios de comunicação produzem acerca do assunto e da revisão bibliográfica sobre a temática, tentar propor e elaborar uma possível compreensão do porquê o mercado sexual se mantém em uma crescente, mesmo com a onda conservadora que tem se intensificado no Brasil e no mundo nos últimos anos, uma compreensão que vá além do aparente paradoxo.

MERCADO SEXUAL

É perceptível, a partir de um simples critério observacional, que o mercado erótico tem crescido exponencialmente e se tornado cada vez mais relevante (Aguiar, 2024). Essa constatação – acerca da qual irá se dedicar essa seção do trabalho –, sob a lente do senso comum, suscitou um intenso questionamento sobre a aparente dicotomia entre a realidade de um inegável fortalecimento e uma expansão da onda conservadora reacionária brasileira e uma movimentação demasiada significativa do mercado erótico.

No entanto, essa era nada mais que uma percepção rasa, comparada à complexidade do tema, que se mostra pouco capaz de processar a multidimensionalidade que envolve os estudos na área das ciências humanas. O que ficará claro no decorrer do trabalho é que, ao se debruçar sobre o tema com a intencionalidade de o estudar com o rigor de um fenômeno sociológico, a percepção que compreendia essa suposta contradição entre as duas ocorrências era falha, visto que ambos os cenários são, na verdade, cabíveis de se realizarem na atual conjuntura como uma característica do tecido social da sociedade brasileira contemporânea.

Retornando à premissa inicial que possibilitou as hipóteses que serão abordadas nesse trabalho, é importante que se discorra sobre a constatação do crescimento do mercado erótico. O dado que transparece de maneira muito clara sobre o que está se tratando é o fato de – segundo a Associação Brasileira de Empresas do Mercado Erótico (Abeme)¹ e o Portal Mercado Erótico², com apoio de empresas no setor –, no ano de 2024, o setor manteve um crescimento por volta de 8% ao ano desde 2020, chegando a faturar valores superiores a dois bilhões no país atualmente. Esse padrão de estatísticas frequentes e similares após o ano de 2020 está dado justamente em um contexto complexo da sociedade brasileira, no qual a pandemia de Covid-19 e o isolamento social modificaram significativamente os padrões de consumo da indústria de bens e serviços, principalmente o mercado erótico com a ideia de bem-estar sexual, ao mesmo tempo que esse período foi marcado por inúmeras manifestações e discursos de cunho retrógrado e reacionário por parte das massas conservadoras, inclusive disseminados por lideranças que ocupa-

vam cargos políticos.

Como dito anteriormente, o trabalho de campo realizado pela antropóloga Maria Filomena Gregori (2012), em São Paulo, além de ter sido usado como inspiração para o presente trabalho, mostra também a influência dos *sex shops* na construção do indivíduo. Segundo a autora, esses espaços cumprem uma função além de comercial, proporcionando a introdução de novas práticas, discursos e produtos que normalizam o prazer sexual, principalmente para as mulheres (Gregori, 2012). Dessa forma, tal conjunto de elementos propicia maior autonomia feminina diante dessas novas constituições do que pode significar prazer e de que maneira isso será alcançado. Além disso, Gregori (2003) observou que o discurso pautado na abertura das lojas de produtos eróticos se baseia em questões como autoestima, saúde e revitalização conjugal (Varella, 2016)³. Sendo assim, o mercado erótico no Brasil busca suprir demandas que vão de acordo com o que é considerado normativo na sociedade brasileira.

Ainda sobre as estatísticas que contextualizam o tema, pode-se compreender que essa definitivamente não é uma conjuntura exclusiva do mercado nacional brasileiro. A empresa indiana que é referência em pesquisas mercadológicas, Allied Market Research⁴, afirma que o segmento já move mais de US\$70 bilhões anualmente pelo globo – e a estimativa é que alcance os US\$108 bilhões até 2027. Segundo Grato (2021), o Portal Mercado Erótico fez um levantamento no ano de 2021, coletando dados com 135 empresários que atuam em diversos tipos de negócios dentro do ramo, e concluiu que a maior parte desses empreendedores são mulheres – representando 76,13% – e 47% delas, quase metade, trabalham sozinhas, sem funcionários. Recentemente, a pesquisa realizada no ano de 2024 e divulgada pelo mesmo portal⁵ indica que o perfil do público consumidor desse mercado está majoritariamente circunscrito na faixa etária entre 26 a 35 anos (representando 57,8%). Da mesma forma, aproximadamente 56% desses consumidores são mulheres e esse público também se localiza centralmente no que podemos entender como camadas mais populares, de classe média.

Dessa maneira, é possível analisar que o mercado erótico em todas as suas esferas, da produção e comercialização até o consumo, tem sido revolucionado pela presença feminina, construindo uma narrativa que valorize e ressignifique a descoberta sexual e entenda de que forma a agência dessas mulheres se articula por meio de uma perspectiva que inclua a liberdade e a diversidade como princípios. Natali Gutierrez, fundadora do famoso sex shop Dona Coelha, em entrevista sobre o tema para o G1, diz: “o trabalho das novas empreendedoras é de ‘trabalhar com o tabu’ que ainda existe em relação ao sexo e de ensinar as pessoas a “reconectarem-se com o próprio corpo” (Bolzani, 2023). Ainda tratando dos impactos da nova dinâmica mercantil, o cenário proposto pelas pesquisas citadas corrobora para

1 Para maiores desenvolvimentos, ver Barufi (2021).

2 Para maiores desenvolvimentos, ver Aguiar (2024).

3 Entrevista concedida à revista Época pela pesquisadora de gênero e sexualidade da Unicamp, Maria Filomena Gregori. Para maiores desenvolvimentos, ver Varella (2016).

4 Para maiores desenvolvimentos, ver Amaral e Saraiva (2022).

5 Para maiores desenvolvimentos, ver Aguiar (2024).

a compreensão de que muitas pessoas entendem esses padrões de consumo como um modo de se dedicarem a atos de bem-estar e autocuidado no dia a dia. Entre eles, está a dedicação à exploração da sexualidade e do prazer, levando à criação e à utilização de termos como “sex care”, por exemplo.

Todavia, é fundamental ressaltar que essa “revolução” no mercado sexual, devido à presença feminina descrita anteriormente, representa uma realidade nos padrões de produção e consumo que é marcada por privilégios e preconceitos. Nesse caso, as diversas formas de ter acesso ao debate sobre a temática até ao consumo consciente e informado de itens e conteúdos do mercado erótico ainda se restringem a determinada parcela da sociedade, tendo em vista a pesquisa de público consumidor já citada, feita pelo Portal Mercado Erótico⁶, é possível depreender que a narrativa hegemônica desse mercado se comunica majoritariamente com um público feminino, branco, hétero e de classe média. Apartando desse panorama, camadas da sociedade que se encontram em posições mais marginalizadas, como mulheres negras e pessoas trans e travestis, por exemplo, que não são o foco e não estão presentes como categoria relevante na maioria das pesquisas e propagandas desse setor. No entanto, de fato, essa movimentação e mudança no cenário ainda é muito significativa visto que, historicamente, o universo da produção erótica tem sido feito de homens para outros homens, se apropriando da figura feminina – de forma degradante e cruel muitas vezes – para o próprio prazer, principalmente quando se trata da indústria pornográfica.

O mercado sexual é amplo e envolve diversas áreas consideradas extremamente lucrativas, e a produção e reprodução de conteúdos audiovisuais eróticos é uma delas. No Brasil, por exemplo, no ano de 2022 dois dos *sites* presentes na lista de endereços de navegação mais acessados pelos internautas, de acordo com a empresa SemRush⁷, são as plataformas de pornografia Xvideos e PornHub, que ocupam, respectivamente, nessa lista, a posição de 3º e 7º lugar. Além disso, os dados e as estatísticas de consumo divulgados por algumas dessas plataformas, como é o caso do PornHub, permitem e suscitam alguns questionamentos relacionados a possíveis contradições que serão tratadas mais à frente no desenvolvimento do trabalho, como o fato de os conteúdos mais buscados e consumidos serem protagonizados por indivíduos que fazem parte de alguma minoria social e ocupam uma posição de certa marginalização, como pessoas trans e mulheres lésbicas. Isso fica explícito em “*insights*” liberados pelo PornHub sobre o ano de 2022, no qual as categorias mais acessadas no Brasil, que ocupam o 1º e 3º lugares, são, respectivamente, “transgênero” e “lésbico”. O Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB) de 2022⁸ revela que mais de 60% dos brasileiros assumem um posicionamento político mais conservador, de forma que 42,3% se auto posicionam à direita e 20,5% se auto posicionam

como de centro. Para agravar controvérsia já estabelecida, a parcela de indivíduos que mais consome e se interessa pela categoria “transgênero” é a geração X, que abarca pessoas de 35 a 54 anos, faixa etária tida como mais conservadora.

É esperado que, ao tratar do referido tema deste trabalho, a pesquisa apresentada trouxesse dados e estatísticas acerca da realidade do mercado de prostituição. No entanto, o processo de busca e captação de dados revelou que existem pouquíssimos levantamentos sobre esse mercado de maneira mais global e menos dados ainda sobre essa realidade no Brasil. Nesta procura, encontramos estatísticas divulgadas pelo *site* de acompanhantes Fatal Model⁹, que produziu um documento sobre características demográficas desses profissionais por meio dos cadastros ativos no *site* da plataforma. Entretanto, ainda não existem dados oficiais a nível nacional sobre essa temática do mercado da prostituição, como se, para todos os efeitos, não houvesse o objetivo de lançar luz sobre essa questão. Isso levou a uma reflexão sobre o porquê de, apesar da prostituição legalmente não ser mais crime no país desde o ano de 2002, existirem tão poucos dados, estudos quantitativos e informações sobre a dinâmica desse “nicho de mercado” no contexto brasileiro. Além disso, questiona-se qual o papel da moralidade hegemônica em marginalizar essa profissão e quem lucra e se beneficia com esse cenário. Porém, é preciso esclarecer e admitir que o exercício analítico argumentativo que aqui está sendo feito possui suas limitações, portanto, não pretende e nem poderia tratar de tamanha complexidade, obscuridade e desinformação que existe e paira sobre a temática.

Algo que ficou explícito após o levantamento de dados para o artigo e a explanação deles nessa seção do trabalho é a frequência com a qual a grande maioria das estatísticas produzidas e divulgadas são resultados de esforços orientados por interesses próprios dessas iniciativas. Poderíamos aqui discutir sobre a validade dos referidos dados, considerando a existência de um interesse mercadológico em publicizar o crescimento desses nichos na indústria, ao mesmo tempo que se pode pensar que toda pesquisa possui um viés analítico, tendo em vista o local de onde se fala e em qual contexto se está inserido. Em uma lógica de compreender que todos os saberes são corporificados, como proposto por Haraway (1995, p. 40), os atores mobilizam seus interesses e as questões que os atravessam. Adicionando ao que é proposto pela autora, pode-se pensar que não apenas os saberes produzidos academicamente devem ser incluídos nessa análise, e se trataria, então, de fazermos uma leitura crítica dos dados, mas não os invalidar de antemão.

A partir da consolidação do que se entende como “dispositivo de sexualidade”, na teoria foucaultiana, manifesta-se também a necessidade de diversas instituições proporem uma regulação das vontades e agências dos indivíduos. Nesse sentido, o discurso sobre o que se considera dis-

6 AGUIAR, op. cit., 2024.

7 Para maiores desenvolvimentos, ver Casagrande (2022).

8 Para maiores desenvolvimentos, ver Centro de Estudos e Opinião Pública (2022).

9 Para maiores desenvolvimentos, ver Alexa (2021).

sidente da norma tem papel central na análise, porque o ato da prática discursiva sobre um “objeto” o traz e fixa-o no âmbito do que é real e da existência. Sendo assim, se a produção de conhecimento pode ser articulada enquanto uma dinâmica de poder, podemos refletir sobre o engajamento dos atuentes no mercado sexual nessa espécie de elaboração de “discursos de si” como forma de agir sobre a narrativa hegemônica desse campo desviante, produzindo um certo tipo de resistência e autopromoção (Foucault, 1999).

O próprio uso e diferenciação entre as palavras erótico e pornográfico que é feito pelo senso comum possui uma antítese intrínseca, em que o primeiro suscita algo que transcende o que é padronizado no âmbito sexual, porém de uma forma profunda, que se liga ao pensamento erudito e ao senso artístico; enquanto o segundo seria empobrecido e vulgarizado, sendo representado pelas produções materiais do que é produzido dentro da lógica mercantil, visando o lucro e voltado para o público massificado. Durante as últimas décadas, muitos estudiosos têm pensado sobre essa instrumentalização do prazer humano, como Octavio Paz, que escreveu ainda na década de 1990 “nunca se imaginou que o comércio suplantaria a filosofia libertina e que o prazer se transformaria em um parafuso da indústria” (Paz, 2001, p. 143 *apud* Gregori, 2012, p. 55).

Dessa forma, existem duas pressuposições que precisam ser abordadas e sobre as quais o trabalho irá se aprofundar. Por um lado, existe a interpretação marxista que busca apenas denunciar o cunho instrumentalista e alienante do mercado erótico, cujo objetivo é a acumulação típica de capital como qualquer outra indústria inserida dentro do sistema capitalista, que funciona alargando cada vez mais o abismo entre as classes sociais. Já uma outra abordagem vai contra essa visão, que responsabiliza o mercado, enxergando, na verdade, o cenário apenas como uma resposta da estrutura que manifesta os anseios e as demandas psicológicas advindas do próprio corpo social que, cada vez mais na contemporaneidade, revela indícios de um certo distúrbio nos equilíbrios das relações de intersubjetividade e dependência entre os indivíduos, principalmente no que tange a vivência da sexualidade. Em ambas as tendências, é válido salientar que um dos conceitos mais relevantes dentro da análise sociológica é o princípio da complexidade dos fenômenos.

BURGUESIA X REPRESSÃO SEXUAL

Ao falar sobre repressão sexual nos dias de hoje, é possível voltar um pouco na história e usar como fonte a obra de Friedrich Engels, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (2019), na qual o autor analisa, desde o estágio mais inicial da humanidade até o momento em que o livro foi escrito, como os núcleos familiares se formaram e os motivos pelos quais a mulher passou a ser vista de forma inferior em relação

ao homem, partindo do materialismo histórico. Dentro desse contexto, a família monogâmica terá maior enfoque neste artigo, uma vez que, segundo o autor, é a configuração final e atual da família. A monogamia vem juntamente da ideia de paternidade inquestionável, já que o marido precisa de herdeiros que possam administrar sua riqueza e, para que isso ocorra, é necessário que sejam seus filhos biológicos. Tal pensamento traz maior solidez na união matrimonial e a obrigatoriedade em perpetuar esse compromisso, uma vez que é necessário constituir uma família e dar continuidade à riqueza produzida por ela, a partir de uma exclusividade sexual e romântica. Deixando claro, então, que a monogamia teve grande influência em fomentar o papel inferior e de dependência da mulher em relação ao homem.

À medida que as condições econômicas de vida se desenvolviam e, portanto, minavam o antigo comunismo e à medida que aumentava a densidade populacional, as relações sexuais tradicionais iam perdendo seu caráter inocente de primitividade selvagem e, na mesma proporção, iam-se tornando mais humilhantes e opressivas para as mulheres, tornando-se mais premente para elas o desejo da instituição do direito à castidade e ao casamento temporário ou permanente com um só homem como libertação (Engels, 2019, p. 85).

Nessa citação, Engels associa a mudança das relações entre os sexos e a mudança de sua natureza ao desaparecimento do comunismo, que coincidiu com a domesticação de animais e o aumento populacional, momento em que os grupos familiares começaram a ter alguma riqueza e os gados começaram a se tornar propriedade privada ou específica dos chefes de família. Nesse mesmo período, surge a escravidão e os primeiros indícios de que a mão de obra apresenta valor de troca. Em soma a essa situação, o sexo passou a ser usado como forma de controle em relação às mulheres, pois, além de humilhá-las, conferia ao homem a garantia de continuidade da família e de “posse” de sua esposa, proveniente do compromisso matrimonial já citado anteriormente.

Nesse contexto, é possível identificar o ponto crucial que apresenta a mudança na relação entre os sexos, originado no momento em que o homem, com as riquezas adquiridas e com a divisão do trabalho familiar – na qual ele era responsável pela obtenção de alimentos e pelo uso das ferramentas de trabalho, sendo uma delas os escravos –, acreditou ter alguma vantagem em relação à mulher, que agora voltava sua atenção exclusivamente aos afazeres domésticos, à criação dos filhos e tinha a obrigação da fidelidade ao seu marido. Essa dinâmica se delongou até a modernidade, quando o próprio autor constata que a família é fruto da exploração da mulher no âmbito privado: “A família individual moderna foi fundada sobre a escravização doméstica aberta ou dissimulada da mulher, e a sociedade moderna é uma massa cujas moléculas são as famílias individuais” (Engels, 2019, p. 94).

Nesse cenário, fica claro que, quando a mu-

lher não está compondo a população proletária industrial e protagonizando um antagonismo com a classe burguesa, ela está fazendo parte de um antagonismo com seu próprio marido (Engels, 2019). Isso se dá porque o homem se torna a figura responsável por sustentar a família financeiramente, atribuindo a ele maior importância por ser visto como o responsável pela sobrevivência do lar em uma sociedade capitalista. Outrossim, as famílias individuais, quando vistas em seu conjunto, indicam essa prevalência em suas relações sociais: a de dominação e exploração da mulher, reforçando a ideia — desejada pela burguesia — de que essa forma de união é a que faz sentido, derivada de um contexto capitalista.

Além de Engels, a filósofa e feminista Silvia Federici, em sua obra *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista* (2019), aborda, de forma mais atual, a posição das mulheres cisgênero na constituição da família monogâmica. Segundo a autora, o capitalismo também faz com que elas sejam superexploradas de modo distinto aos homens, uma vez que as mulheres são destinadas ao trabalho doméstico, ao cuidado dos filhos e à garantia da manutenção da casa. Ademais, Federici explicita como o capitalismo se beneficia de um modelo específico de trabalhador, família, sexualidade e de procriação. Dessa maneira, é perceptível e esperado que a burguesia se utilize dessa configuração familiar, controlando e subvertendo todo tipo de expressão que vá contra isso e que, desde sempre, como citado anteriormente, coloca a mulher em uma posição de submissão. Dentro do sistema capitalista, a mulher se depara com a dupla jornada que possibilita a existência de todas as outras relações de produção, mostrando a “importância” da manutenção da família monogâmica e heterossexual:

[...] o trabalho reprodutivo está, em todas as suas facetas, sujeito às condições impostas pela organização capitalista de trabalho e pelas relações de produção. Em outras palavras, o trabalho doméstico não é uma atividade livre. É a produção e reprodução do meio de produção mais indispensável ao capitalista: o próprio trabalhador (Federici, 2019, p. 209).

Em conclusão, a partir das duas obras citadas, é perceptível que a burguesia, historicamente, apropria-se de aspectos da vida humana — em especial, a sexualidade — da forma que lhe é mais viável. Além da exploração da mulher, esse grupo dominante também reforça essa dinâmica de dominação dentro dos núcleos familiares (na figura de marido x esposa), com o objetivo de fazer a manutenção daquilo que lhe é mais importante para continuar perpetuando a riqueza: a reprodução da classe trabalhadora, que só é possível com a mulher se dedicando de forma integral ao ambiente doméstico. Sendo assim, a classe proletária é cerceada em suas relações mais íntimas para que reproduza a ideia de uma constituição familiar como a correta, sendo ela o casamento heterossexual monogâmico, e que outras uniões que se diferenciam dessa idealização sejam vis-

tas como erradas.

MERCADORIA E SUPREMACIA DO LUCRO

Apesar de ser bastante criticado por diversos teóricos desde seu surgimento, o capitalismo é o sistema econômico predominante na contemporaneidade e se revela altamente impactante na estrutura social, seja na maneira como os indivíduos vivem e se relacionam, ou na própria mentalidade singular de cada um. Sua fundamentação consiste, em síntese, na proteção da propriedade privada, na competição do mercado e, a destacar, no acúmulo de capital. Esse último fator acaba por ser uma questão para Karl Marx em sua obra *O Capital* (2013), na qual o autor estabelece uma relação de superioridade do lucro em relação às demais preocupações do homem no capitalismo, como questões humanitárias e ideológicas. Dessa maneira, os meios de produção e venda de um produto se tornam insignificantes em relação ao ganho monetário por ele proferido, por mais que toda mercadoria contenha em si diversas relações de trabalho, as quais não podem ser apagadas.

O teórico alemão também se aprofunda em outras questões relacionadas à mercadoria e ao lucro, em destaque a mais-valia, o valor de uso e o valor de troca. Esses dois últimos, de maneira simplificada, são classificados de tal forma por terem como base a utilidade e a satisfação das necessidades humanas (valor de uso) ou a produção, reprodução e valorização do capital somada ao valor do produto frente ao mercado (valor de troca). Para compreender a mais-valia, é preciso entender a distinção entre proletariado, aquele que possui a força de trabalho, e burguesia, quem detém os meios de produção. Da relação de compra da força de trabalho entre esses agentes surge a mais-valia, a qual consiste na diferença entre a quantia que o trabalhador recebe e o valor equivalente àquilo por ele produzido, de forma que o lucro do produto seja direcionado ao proprietário dos meios de produção, o qual se apropria do trabalho excedente. Os dois últimos conceitos brevemente apresentados, segundo Marx, possuem relação com um atributo importante do sistema capitalista: a supremacia do lucro. Isso acontece pelo fato de o trabalhador dispor de uma quantia muito inferior à que é por ele gerada e a expressão monetária dos valores atribuídos às mercadorias, apesar dos múltiplos fatores causadores de sua variabilidade, são asseguradores do lucro no sistema. Diante disso, é relevante destacar que o lucro não pertence somente aos grandes capitalistas burgueses, mas também à parte da classe trabalhadora que vive de comércio, apesar de seu faturamento ser incomparável ao da real burguesia. Adicionalmente, a supremacia do lucro é observada como cerne do capitalismo, dado que a acumulação de capital é a força motriz desse sistema. Sendo assim, o lucro é priorizado em detrimento de outras con-

siderações, incluindo ideologias, bem-estar social e preservação ambiental.

Essa soberania do lucro, como abordada anteriormente, é tão expressiva e forte no capitalismo que até valores humanos e morais podem ser subordinados a ela. Nesse sentido, é coerente o crescimento da indústria sexual — seja em produtos físicos, digitais ou ao corpo como mercadoria — de maneira simultânea à forte onda de conservadorismo no Brasil. A ideologia conservadora é, de certa forma, oposta à liberdade sexual devido à pregação do sexo como tabu e da repressão sexual como garantidora da dignidade e da moral dos indivíduos. Além disso, essa corrente está consideravelmente ligada à religiosidade cristã, a qual condena a liberdade sexual como pecado, os fetiches como heresia e a masturbação como profanação. Por isso, é intuitivo pensar como impossível ou improvável que a alta do mercado sexual e do conservadorismo possam ocorrer simultaneamente, porém, pode-se responder essa contradição tendo como fundamento a supremacia do lucro: se há acúmulo de capital e geração de riquezas, a ideologia é deixada de lado.

Ainda, Judith Butler, em " " (1993), explora como o corpo feminino é frequentemente tratado como uma mercadoria no contexto capitalista, no qual a sexualidade é comercializada e consumida. Nesse sentido, Butler argumenta que a prostituição, por exemplo, apresenta-se como uma transação econômica dos corpos somada a um reflexo das dinâmicas de poder que objetificam o corpo da mulher, reduzindo-o a um produto disponível para o consumo. Essa mercadorização do corpo feminino é exacerbada pela interseção de normas sociais, culturais e econômicas que perpetuam a ideia de que o valor de uma mulher está intrinsecamente ligado à sua sexualidade e à sua capacidade sexual. Em um contexto capitalista, no qual o lucro é priorizado, essa dinâmica se torna ainda mais complexa, uma vez que a sexualidade é explorada como um meio de geração de capital, enquanto as mulheres, muitas vezes, são deixadas à margem, lutando para reivindicar autonomia sobre seus próprios corpos e seus combates. Assim, a prostituição se manifesta não apenas como uma questão econômica, mas como um campo de luta por poder e reconhecimento, levantando questões sobre o consentimento, a exploração e a verdadeira natureza da liberdade sexual. Essa análise nos leva a refletir sobre como, em um sistema no qual o lucro é soberano, as dimensões éticas, morais e humanas da sexualidade e do corpo são frequentemente desconsideradas, revelando as contradições que permeiam a relação entre o conservadorismo e a indústria sexual.

Essa perspectiva, no entanto, não abrange a psicologia por trás da ideia de que repressão gera compulsão, ou seja, de que a proibição do sexo pode torná-lo mais atrativo, de modo a configurar os conservadores como consumidores do mercado sexual. Ao invés disso, ela se restringe à visão de mercado, ao princípio capitalista de lucro

acima de tudo.

PSICOLOGIA DO FASCISMO

A relação entre conservadorismo e sexualidade vai além do controle sobre os corpos: de modo quase teatralizado, a politização desses temas garante espaço em palanques políticos e tem sido utilizada ao longo da história por figuras e organizações de direita para pautar debates públicos e ganhar popularidade. Rubin (2012) retoma a construção dessas narrativas no Norte Global, percebendo como, nos Estados Unidos, discursos de direita autoritários, repressivos e de conservadorismo sexual há muito tempo andam entrelaçados.

Do final dos anos 1940 até o início dos anos 1960, comunidades eróticas cujas atividades não se enquadravam no sonho americano pós-guerra atraíram grande perseguição. Homossexuais foram, juntamente com comunistas, o objeto da caça federal às bruxas e expurgos (Rubin, 2012, p. 4).

Após a disseminação de uma ideologia conservadora que associava o sexo “desregrado” à esquerda e à perda de poderio nacional, as pautas de controle sexual, como percebe a antropóloga, ganharam destaque nos Estados Unidos como forma de legitimação de uma postura “moral” que conquistava apoio popular:

A oposição de direita à educação sexual, homossexualidade, pornografia, aborto e sexo antes do casamento se deslocou das franjas extremas ao palco político central depois de 1977, quando estrategistas de direita e fundamentalistas religiosos descobriram que estes assuntos têm apelo de massa (Rubin, 2012, p. 8).

Como identifica Rubin, a Nova Direita e o neo-conservadorismo, na contemporaneidade, seguem valendo-se dessa retórica e tendo a repressão sexual como agenda política. No Brasil, esse cenário não é diferente: Luna (2023) identifica como, na política conservadora do ex-presidente Jair Bolsonaro, os valores religiosos cristãos norteiam as pautas reacionárias de “costumes”. Segundo a autora, entre essas pautas estão

[...] em especial a oposição a qualquer tipo de aborto legal, como na assinatura do Consenso de Genebra pela ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, ou no cerceamento de pleitos de aborto legal, além da retórica antigênero, que pretende limitar expressões da diversidade sexual (Luna, 2023, p. 23).

Ao analisar falas de Jair Bolsonaro e de seus apoiadores, a autora explicita como elementos da retórica fascista permeiam os discursos desses indivíduos, pautados pelo enaltecimento de uma hipermasculinidade e pelo cerceamento de liberdades sexuais:

Tais ideais de masculinidade estão presentes no nazismo e no fascismo, demandando-se

posturas heroicas de militares, continuam as autoras [Nigro & Bacarat, 2018]. Também são características do fascismo o desprezo pelos fracos e uma vontade de poder transferida para questões sexuais, daí o machismo refletido no desdém pelas mulheres e a condenação à homossexualidade (Eco, 2019): nas palavras do presidente ‘país de maricas’, ‘mimimi’, ‘vai chorar até quando?’ (Luna, 2023, p. 10).

Em contextos de tamanha repressão sexual e de mobilização dos debates públicos em torno dessas pautas, como compreender a crescente movimentação, como mencionado em seções anteriores do presente artigo, do campo sexual no Brasil? Para além da perspectiva mercadológica, uma outra análise possível, que explica a conciliação entre a alta do mercado sexual e a tendência conservadora que ganha poder político e social no país, é a conexão causal estabelecida entre as duas a partir da psicologia do fascismo: a repressão sexual por discursos moralistas é extravasada na vivência de experiências sexuais que movimentam o mercado dos fetiches.

Nesse sentido, é notório que o moralismo, característico do conservadorismo e antagônico à liberdade sexual, é algo que está presente muito mais no plano das ideias do que da ação. Na prática, as declarações conservadoras que condenam o sexo como algo impuro e imoral agem no sentido oposto do que pretendem, promovendo um intenso recalçamento de desejos que se traduz na forma de violência e de práticas sexuais veladas, mas ainda frequentes. Assim, ao invés de coibir o sexo e tudo o que se relaciona com tal temática, o discurso conservador o constrange, marginalizando-o ao espaço do errado, do não dito e não mostrado, mas que, cedendo a desejos humanos, permanece sendo feito, dessa vez escondido.

O consumo de pornografia, por exemplo, é extremamente sustentado por esse apreço pelo anonimato e pela ausência de limites, em um contexto de constrangimento sexual. Gabriel Mascarenhas (2022), caracterizou a pornografia justamente como a manifestação da insubordinação e da transgressão de tabus. O autor reiterou, ainda, tal posicionamento pela análise de títulos de vídeos pornôs, os quais frequentemente trazem referências a figuras familiares, minorias étnicas e experiências sexuais em lugares públicos, em uma evidente associação entre o prazer e a desobediência a normas sociais.

Percebem na pornografia uma ruptura em relação aos modelos e à moral social, elementos estes que agiriam de maneira contrária a uma experiência desimpedida da própria sexualidade. Seria concedida, ao espectador, a possibilidade de ‘ver tudo’ nesse universo sem representações, onde os costumes, representados pelos véus, não estariam presentes para operar encobrimentos ou restrições e, ainda, abrir-se-ia espaço para a fruição das próprias fantasias de maneira segura, sem que o olhar crítico pudesse constranger o espectador (Mascarenhas, 2022, p. 21-22).

Sobre o papel da pornografia como solução para a satisfação de desejos reprimidos, no artigo *A pornografia e o Ocidente*, veiculado na revista *(In)visível*, o psicólogo Paulo Ceccarelli sustenta a tese de que:

[...] o amplo espaço que a pornografia ocupa na cultura ocidental deve-se à maneira da cultura ocidental tratar a sexualidade: a solução pornográfica, chamemo-la assim, permite a realização de fantasias e desejos que, por terem sido coibidos pela moral, tornaram-se ainda mais intensos (Ceccarelli, 2011, p. 6).

Assim, em um cenário de ascensão do conservadorismo no país e de intensa repressão da vida sexual pelo moralismo, é esperada como consequência a busca pelo extravasamento dos desejos de modo anônimo e longe de julgamentos, como é o caso dos *sites* pornôs, ambientes de prostituição ou lojas de produtos sexuais que garantam discrição. Um exemplo claro dessa tensão entre o conservadorismo e a sexualidade é a liderança do Brasil tanto no consumo de pornografia trans quanto no assassinato dessas mesmas pessoas:

De acordo com o relatório de 2018 do Pornhub, a busca mundial por pornografia trans aumentou 167% entre homens e mais de 200% entre os visitantes acima dos 45 anos. Já no ano passado, o Brasil ocupou a 11ª posição em acessos na plataforma, com um crescimento surpreendente de 98% na tendência de busca pelo termo trans gender – o número mais alto em todo o mundo (Benevides, 2019).

Paralelamente ao intenso consumo desse tipo de conteúdo, os brasileiros são os que mais matam a população trans, de acordo com dados da Associação Nacional de Trans e Travestis (Antra) e do relatório de 2021 da Transgender Europe (TGEU)¹⁰, segundo o qual 70% dos homicídios de pessoas trans ocorrem na América Latina, sendo o Brasil o país que mais contribui com a taxa.

Uma possível interpretação para esse fato nitidamente contraditório é a compreensão de que os discursos transfóbicos condicionam relações de objetificação e de violência com corpos trans. Declarações de caráter socialmente conservador, que julgam a transexualidade como uma anormalidade, uma transgressão dos padrões de gênero e de sexualidade vigentes, silenciam os afetos e reprimem os desejos em relação a essas pessoas. Tais indivíduos passam a ser vistos como imorais, devassos e repulsivos, devendo ser alvo apenas de ódio e abominação.

No entanto, desejos e interesses humanos são complexos, o que não faz com que corpos trans deixem de ser acessados, mas que isso ocorra de modo anônimo pela internet ou em ambientes de prostituição, longe de julgamentos externos, e de modo mais raso e violento, apartado de qualquer carinho ou afeto. O assassinato de pessoas trans, é, segundo exposto por Bruna Benevides, vice-presidente da Rede Nacional de Operadores de Segurança Pública LGBT e presidenta do Conselho LGBT de Niterói, “quase como uma tentativa

10 Para maiores desenvolvimentos, ver Pinheiro (2022).

de apagar o rastro de seus desejos perversos, abjetos e 'antinaturais' (Benevides, 2019).

Esse tipo de comportamento relaciona-se com o conceito de "unheimliche" de Freud, trabalhado no texto *Das Unheimliche* (Freud, 1919), podendo ser traduzido como "o inquietante" ou "o estranho familiar", ele diz respeito a aquilo que, uma vez rejeitado pelo eu, retorna para trazer espanto e horror, obrigando-o a ser mais uma vez negado.

Na leitura de *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer (1947), o Unheimliche, para o homem moderno, parece ser a natureza primitiva recalcada pela cultura. Na tentativa de afastar a natureza animalesca, o homem adere a uma segunda natureza, permitida pela civilização, na qual os aspectos instintivos e os impulsos encontram-se encobertos na vida psíquica. Assim, ao identificar no outro a efetivação de um desejo que se encontrava reprimido, a resposta dada pelo fascismo é a violência, tanto como meio de eliminar tal comportamento publicamente quanto como modo de extravasar a frustração interna.

O natural é suplantado pela racionalização e a natureza incontrolada é recalcada em nome da civilização e do progresso. Para não se 'identificar', portanto, com a natureza resta ao sujeito esclarecido se distanciar dela, pois na ordem esclarecida – e, portanto, totalitária –, aquilo que representa aspectos suplantados pela razão instrumental devem ser exterminados (Shirakava, 2021, p. 112).

Pensando no Brasil contemporâneo, é possível entender a repressão sexual típica de discursos conservadores, sobretudo da extrema direita aliada ao cristianismo fundamentalista, como um incentivo ao recalque de desejos que acabam por se traduzir em violência: tais grupos têm como pautas, por exemplo, o decoro e a submissão feminina, a castidade entre os jovens e a heterossexualidade como única orientação sexual legítima. O sexo é tido como um tabu, e a liberdade sexual, como um comportamento desordeiro, típico da esquerda, a qual ameaça a "família tradicional" e os "bons costumes", em uma segregação caracteristicamente fascista entre o "Nós" e o "Outro".

Devido ao protagonismo que tais discursos têm conquistado, sobretudo graças à ascensão da extrema direita e da religião evangélica no Brasil, instaura-se, no país, um cenário de julgamento a qualquer tipo de comportamento disruptivo no âmbito sexual: mulheres com vida sexual ativa são taxadas de promíscuas, homossexuais são considerados depravados, pessoas transgênero são vistas como abomináveis e qualquer tentativa de diálogo sobre educação sexual e saúde reprodutiva é falsamente censurado como "ideologia de gênero" ou estímulo à pedofilia. Nessas situações, a agressão física e verbal por parte de indivíduos conservadores é uma resposta frequente à liberdade sexual, a qual relembra a eles sua condição de recalque.

De acordo com o discurso desses atores, a va-

riedade erótica é doentia, perversa e representa uma ameaça ao povo e ao Estado. Dessa forma, os comportamentos são controlados segundo a divisão entre uma sexualidade "boa" e uma "má":

A sexualidade que é 'boa', 'normal', e 'natural' deve idealmente ser heterossexual, marital, monogâmica, reprodutiva e não-comercial. Deveria ser em casal, relacional, na mesma geração, e acontecer em casa. Não deveria envolver pornografia, objetos feticistas, brinquedos sexuais de qualquer tipo, ou outros papéis que não o masculino e feminino. Qualquer sexo que viole as regras é 'mal', 'anormal' ou 'não natural' (Rubin, 2012, p. 15).

Ao escrutinar o controle ao qual os comportamentos sexuais estão sujeitos, Rubin (2012) faz menção ao caráter social da sexualidade entendido por Foucault em "A história da sexualidade (1999)": "Ele [Foucault] argumenta que os desejos não são entidades biológicas pré-existentes, mas, ao invés disso, são constituídos no curso histórico de elementos sociais repressivos específicos ao apontar que novas sexualidades são constantemente produzidas" (Rubin, 2012, p. 11). Dessa forma, o sexo, assim como os demais âmbitos da existência social, é campo de disputas, passível de invenções e reinvenções. Sintetizando essas dinâmicas de poder, Foucault indica: "O sexo não se julga apenas, administra-se." (Foucault, 1999, p. 27).

Segundo o autor, "A implantação das per-versões é um efeito-instrumento: é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas." (Foucault, 1999, p. 48). Em vista disso, os variados comportamentos sexuais, "mediante múltiplos dispositivos de poder, foram solicitados, instalados, isolados, intensificados, incorporados" (Foucault, 1999, p. 47).

Como salientado por Foucault e pautado nesse trabalho, "O que é próprio das sociedades modernas [ou contemporâneas] não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo" (Foucault, 1999, p. 36). Para Rubin (2012), a compreensão desse fenômeno advém de um diálogo entre teorias distintas: "Necessitamos uma crítica radical dos arranjos sexuais que tenham a elegância conceitual de Foucault e a paixão evocativa de Reich" (Rubin, 2012, p. 12).

Wilhelm Reich, evocado por Rubin (2012), é um psicanalista e sexólogo austríaco. Em sua obra *Psicologia de massas do fascismo*, 1933, ele identifica que o resultado do recalque dos impulsos sexuais "é o conservadorismo, o medo da liberdade, em resumo, a mentalidade reacionária" (Reich, 1933, p. 29). Segundo o autor, a repressão da libido gera indivíduos neuróticos, alienados de seus papéis sociais, que tendem a apenas reproduzir cegamente os valores transmitidos pelo Estado autoritário, abrindo espaço para a ascensão

do fascismo. Em um cenário de miséria emocional, sexual e econômica, os indivíduos são cooptados pela exaltação da ideia de pertencer a uma raça dominante e de ter um líder que os guie. No Brasil, isso pode estar diretamente relacionado à associação do conservadorismo com a escalada do bolsonarismo.

Com isso, o psicanalista reitera que o recalçamento de impulsos sexuais não leva à supressão completa desses, mas sim à sua canalização em formas marginais. Isso é evidente no Brasil, país no qual o conservadorismo convive com a alta do mercado sexual. De acordo com a perspectiva aqui analisada sobre a psicologia do fascismo, a prostituição e o consumo de pornografia e de produtos de *sex shops* podem ser meios de satisfazer desejos reprimidos. O moralismo não elimina, portanto, a vivência da sexualidade, mas a ressignifica e a aparta a um âmbito isolado, no qual um mercado que preza pelo anonimato e pela ausência de julgamentos e de limites se estrutura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do apresentado, a partir da relação aparentemente paradoxal entre o crescimento do mercado sexual no Brasil concomitante ao avanço do conservadorismo no país, depreende-se que essa ligação é dada, de fato, por uma conexão mais complexa e associada a uma relação de causa e consequência, e não a um completo contrassenso. A burguesia, em síntese, é fortemente alinhada à ideologia conservadora, haja vista que tal corrente se fundamenta na tradição e na manutenção das estruturas de poder, ideias as quais são benéficas para a persistência da dominação burguesa. O conservadorismo, por afirmar normas e convenções sociais tradicionais, é contrário à liberdade sexual e impacta diretamente a forma como ela é tratada por aqueles que compartilham dessa ideologia. É válido pontuar, ainda, que o pensamento conservador não se restringe à classe burguesa — apesar de estar, historicamente, relacionado a ela —, mas também alcança expressivamente a classe média, sobretudo pela ausência de consciência de classe, que leva esse grupo a tentar se portar, pensar e agir como a burguesia, embora não seja mais que uma classe trabalhadora com maior poder aquisitivo que os demais.

Assim sendo, quando o sexo é tabu não apenas para a burguesia conservadora, mas também para outros grupos, poderia parecer intuitivo esperar um cenário de queda do mercado sexual diante do avanço do conservadorismo. Contudo, essa não é a realidade vivenciada pelo Brasil contemporâneo, segundo pesquisas. O paradoxo entre o crescimento simultâneo desses dois fatores aparentemente contraditórios é explicado por duas linhas de raciocínio: a ideia de que o lucro, em sociedades capitalistas, é soberano à ideologia; e a compreensão de que a supressão da

liberdade sexual nada mais faz do que canalizá-la em formas marginais, muitas vezes expressas pelo alto consumo da indústria sexual. Ambas as argumentações possuem fundamentos teóricos e corroboram a compreensão do fenômeno em questão, mostrando-se, no decorrer da presente pesquisa, não divergentes, mas complementares. O crescimento simultâneo dos fatores mencionados não constitui, em si, uma contradição, uma vez que, como evidenciado, é estratégico para a burguesia criar problemas para, em seguida, vender soluções a eles. Além dos demais fatores históricos que ligam a burguesia ao conservadorismo, a repressão ideológica à liberdade sexual faz com que a sexualidade seja canalizada em forma de mercadoria, alimentando cada vez mais o sistema capitalista. Dessa maneira, é interessante para a burguesia reprimir, marginalizar e, por vezes, criminalizar a sexualidade, ao mesmo tempo em que oferece uma solução mercadológica para o problema, a fim de obter maior lucratividade.

No que tange à presença da mulher, demonstrou-se no presente trabalho que elas possuem predominância no mercado sexual como fornecedoras de produtos e serviços. Esse fator é importante para a análise do contexto de vida contemporâneo, uma vez que, embora o mercado sexual seja reconhecido como forma capitalista de obtenção de lucro e até de exploração, as mulheres encontram nele espaço para reivindicar o direito sobre seus próprios corpos, seja pela busca do prazer feminino, seja pela liberdade financeira proporcionada pelo comércio. Apesar disso, a relação entre as mulheres e a sexualidade na contemporaneidade é marcada não apenas pelo empoderamento, mas também por outras questões complexas de subjugação e opressão, que não foram aprofundadas na presente pesquisa em razão de suas limitações teóricas e práticas.

Em síntese, a relação da população brasileira contemporânea com a sexualidade é notoriamente turbulenta e marcada não apenas pelo controle ideológico e social, mas também por sua expressão canalizada em dinâmicas, muitas vezes, moralmente oprimidas. No campo da liberdade sexual, a burguesia se apresenta, ao mesmo tempo, como algoz e catártica: quem cerceia e, simultaneamente, coloca à venda a alforria da sexualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **A Dialética do Esclarecimento**, 1947.

AGUIAR, Paula (coord.). **Pesquisa Mercado Erótico 2024**. [S.l.]: Portal Mercado Erótico. INTT Cosméticos, 2024. Disponível em: https://mercadoerotico.org/wp-content/uploads/2024/11/Pesquisa-intt_cosmeticos.pdf. Acesso em: 8 dez. 2025.

ALEXA. **Dados Fatal Model**: Descubra o Perfil dos Acompanhantes. [S.l.]: Fatal Model, 27 out. 2021. Disponível em: <https://fatalmodel.com/blog/dados-fatal-model-descubra-o-perfil-dos-acompanhantes/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

AMARAL, Denise Meira; SARAIVA, Roberto. Mulheres ajudam a impulsionar mercado erótico e renovam setor. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 set. 2022. Disponível em: <https://folha.com/iewo6n1b>. Acesso em: 29 nov. 2025.

BARUFI, Luiza. O crescimento das sex shop na visão de três mulheres empreendedoras. **Metrópoles**, Brasília, DF, 17 nov. 2021. Coluna Pouca Vergonha. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/pouca-vergonha/o-crescimento-das-sex-shop-na-visao-de-tres-mulheres-empreendedoras>. Acesso em: 29 nov. 2025.

BENEVIDES, Bruna. Brasil lidera consumo de pornografia trans no mundo (e assassinatos). **Revista Híbrida**, [s.l.], 2019. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/brasil/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans/>. Acesso em: 29 nov. 2025.

BOLZANI, Isabela. Do sex toy ao podcast erótico: mercado de bem-estar sexual cresce com novas gerações e lideranças femininas. **G1**, Rio de Janeiro, 10 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/02/10/do-sex-toy-ao-podcast-erotico-mercado-de-bem-estar-sexual-cresce-com-novas-geracoes-e-liderancas-femininas.ghtml>. Acesso em: 29 nov. 2025.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter**. On the Discursive Limits of "Sex". New York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASAGRANDE, Erich. Top 100 sites mais acessados no Brasil [Edição 2022]. **Semrush**, [s.l.], 24 out. 2022. Pesquisas. Disponível em: <https://pt.semrush.com/blog/top-100-sites-mais-visitados/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

CECCARELLI, R. A pornografia e o ocidente. **Revista (In)Visível**, [s.l.], v.1, p. 25-34, 2011. Disponível em: https://www.ceccarelli.psc.br/texts/ceccarelli_a-pornografia-e-o-ocidente.pdf. Acesso em: 29 nov. 2025.

CENTRO DE ESTUDOS E OPINIÃO PÚBLICA. **Estudo Eleitoral Brasileiro**: ESEB 2022. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2022. Disponível em: <https://www.cesop.unicamp.br/democracia/survey/detalhes/id/304/titulo/Estudo%20Eleitoral%20Brasileiro%20-%20ESEB%202022/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

ESCORSIM NETTO, Leila. **O conservadorismo clássico**: elementos de caracterização e crítica. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREUD, Sigmund. **"Das Unheimliche"**, 1919.

GRATÃO, Paulo. Mercado erótico triplica em número de empreendedores na pandemia. **Pequenas empresas & Grandes Negócios**, Rio de Janeiro, 12 mar. 2021. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Negocios/noticia/2021/03/mercado-erotico-triplica-em-numero-de-empreendedores-na-pandemia.html>. Acesso em: 6 dez. 2025.

GREGORI, Maria Filomena. Erotismo, mercado e gênero: uma etnografia dos sex shops de São Paulo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 38, p. 53-97, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645033>. Acesso em: 6 dez. 2025.

GREGORI, M. F. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex shops e S/M. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 9-49, 2003.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 6 dez. 2025.

LUNA, Naara. Conservadorismo na política no governo Bolsonaro: novas articulações, valores religiosos e pauta de costumes. **Cultura y religión**, Iquique, v. 17, jul. 2023. Epub 21 jul. 2023. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-47272023000100206&script=sci_arttext&tlng=en. Acesso em: 3 dez. 2024.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MASCARENHAS, Gabriel Pini Alves. **Pornografia e Psicanálise**: ensaios sobre o pornô na cultura do espetáculo. 2022. 115f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual de São Paulo, Assis, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/234745>. Acesso em: 8 dez. 2025.

PINHEIRO, Ester. Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. **Brasil de Fato**, São Paulo, 23 jan. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1933.

RUBIN, Gayle. **Pensando o Sexo**: notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1582/gaylerubin.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 8 dez. 2025.

SHIRAKAVA, Rafael da Silva; DIONISIO, Gustavo Henrique. Psicanálise e autoritarismo: articulações entre unheimliche em Freud e fascismo em Adorno e Horkheimer. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 21, n. 50, p. 103-119, jan./abr. 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2021000100008. Acesso em: 8 dez. 2025.

VARELLA, Gabriela. Maria Filomena Gregori: "O mercado erótico e pornográfico atual ajuda mulheres a expandir suas possibilidades de prazer". **Revista Época**, Rio de Janeiro, 19 set. 2016. Entrevista. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/09/maria-filomena-gregori-o-mercado-erotico-e-pornografico-atual-ajuda-mulheres-expandir-suas-possibilidades-de-prazer.html>. Acesso em: 19 ago. 2025.